LUX JORNAL

ZERO HORA
PORTO ALEGRE - RS

PUBLICADO EM:
* 7 SET 1997

1164

190

O X DA EDUCAÇÃO

GERAL

Editora: ROSANE TREMEA ☎ 218-4730
Coordenador de Produção: VITOR NECCHI (INTERINO) ☎ 218-4728

Índios aprendem as primeiras lições

Grupo da reserva de Nonoai integra parte do programa Alfabetização e Cidadania, do Projeto Piá 2000

MARIELISE FERREIRA
Correspondente/Nonoai

A lua está aparecendo no céu quando eles surgem a pé pela estrada empoeirada. São homens e mulheres, algumas carregando seus bebês no colo. Em alguns casos, a família inteira chega ao local com a mesma meta. Em poucos minutos, as duas salas de aula da Escola Estadual Kangh-si, com paredes de cimento à mostra e classes improvisadas, na Reserva Indígena de Nonoai, ficam repletas. Pela primeira vez, os alunos estão desvendando o mistério das letras. O grupo faz parte do programa Alfabetização e Cidadania, do Projeto Piá 2000, criado pelo governo do Estado para alfabetizar adultos.

Ao lado do quadro-negro, a bandeira do Brasil permanece em posição de destaque e, algumas vezes, recebe a homenagem dos alunos, que cantam o hino brasileiro na língua caingangue. No intervalo, entre uma leitura e outra, os bebês são amamentados por suas mães, que não se importam com o desconforto dos antigos bancos escolares de madeira. O ritual se repete duas vezes por semana em cada uma das sete turmas de alfabetização de caingangues em Nonoai, orientadas por professores indígenas.

Os índios recebem as lições em caingangue e português e já classificam as aulas como uma forma de resgatar a própria identidade e de integração com a sociedade. A iniciativa tem fascinado o grupo. Artêmia dos Santos, 29 anos, mãe de dois filhos – Luciomar, cinco anos, e Simone, 10 anos –, está animada com a idéia de freqüentar a escola pela primeira vez. Orgulhosa, mostra seus cadernos bem cuidados e conta que já consegue assinar o próprio nome quando vai ao banco. Com um sorriso tímido, deixa escapar um segredo: quer se tornar uma professora e ensinar outros índios.

Adão Veloso, 34 anos, pai de cinco filhos entre cinco e 11 anos, também não perde uma aula sequer. Depois de trabalhar o dia todo na roça, Veloso caminha a pé cinco quilômetros para chegar à escola junto com a mulher, Zaninha da Silva, 26 anos. O índio já havia estudado até a 3ª série, mas os longos anos sem aplicar as lições foram impiedosos. Veloso resolveu voltar aos bancos escolares porque esqueceu quase tudo o que aprendeu. "Quero me comunicar também em caingangue, a língua da nossa nação", diz Veloso.

As aulas significam ainda a certeza de uma vida melhor. Lúcia Garcia, 26 anos, enfrenta três quilômetros com Arse, de quatro meses, no colo, antes de chegar à escola. "Queria muito estudar, é minha oportunidade de conseguir um emprego", conta Lúcia. Solidários, o marido, o sogro, a cunhada e o irmão a acompanham nas aulas, com a mesma esperança.

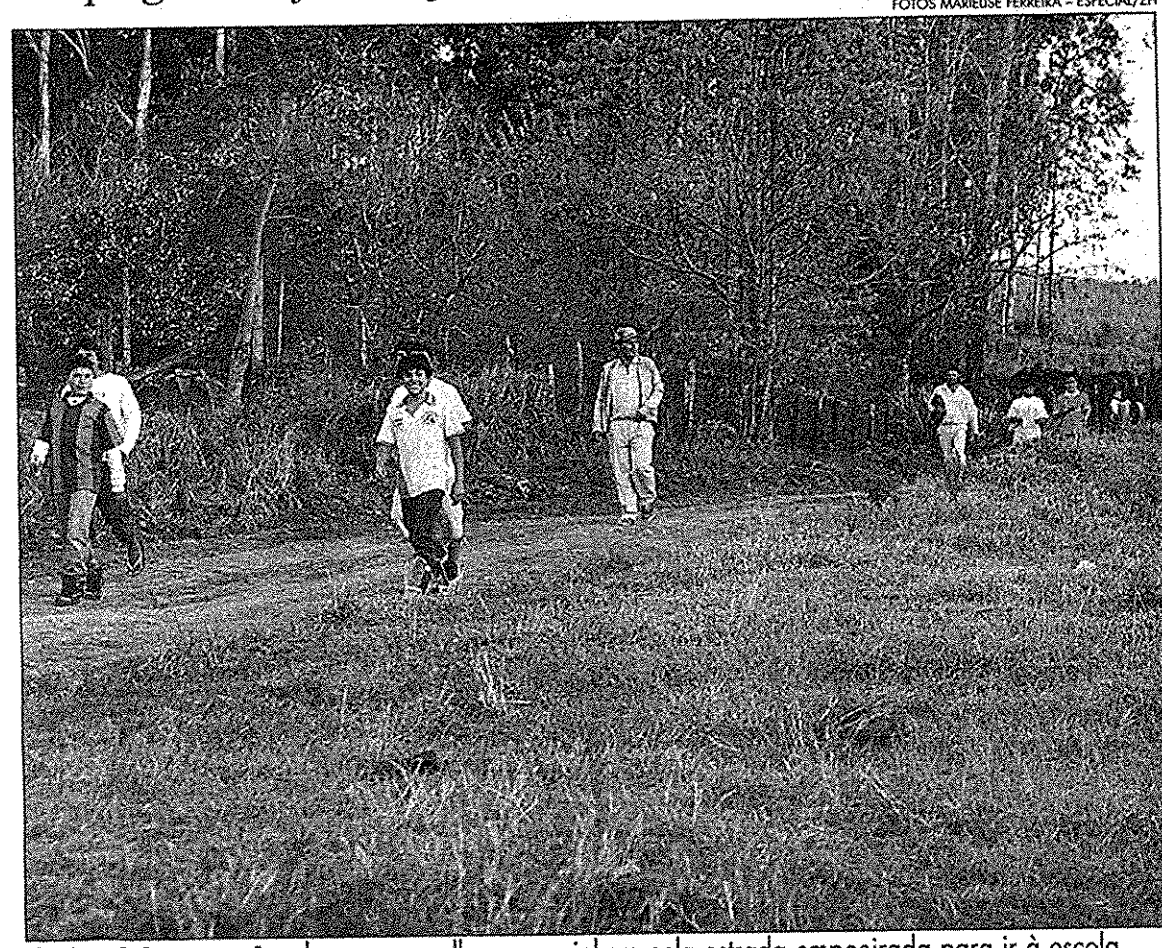
Os motivos que habilitaram Nonoai a participar do programa não são nada animadores. Um índice de analfabetismo de 7,3% e o baixo poder aquisitivo da população foram decisivos para a realização do programa que envolve, além do governo do Estado, a Secretaria Municipal de Educação.

Dos 283 alunos selecionados para as primeiras turmas do projeto, 110 são indígenas

Dos 12,5 mil habitantes do município, 2,6 mil são índios. O número de analfabetos, hoje em torno de 1.600, também engloba uma maior parcela de índios. Por isso, dos 283 alunos selecionados para as primeiras turmas, 110 são indígenas. A iniciativa está fazendo tanto sucesso que a prefeitura decidiu estender o projeto para as séries posteriores. Serão criadas duas turmas de pós-alfabetização e os alunos que participarem dessa fase receberão o certificado de conclusão da 4ª série primária e poderão ingressar no ensino supletivo de 1º Grau.

O cacique José Orestes do Nascimento, há 18 anos no posto, é um dos maiores incentivadores dos estudos entre os índios. "Não temos advogados, nem dentistas, podemos ser tudo isto sem perder nossa cultura", enfatiza. O cacique tem percorrido escolas da região onde estudam crianças caingangues para dar um conselho: "Levem o estudo até o fim".

FOTOS MARIELISE FERREIRA – ESPECIAL/ZH



O ritual do aprender: homens e mulheres caminham pela estrada empoeirada para ir à escola

Uma aposta no futuro

Nascido na tribo de Coroária, no Alto Xingu, o índio José Coroária, 60 anos, tem uma história de vida cheia de percalços. Num ataque de seringueiros, sua tribo fugiu. O menino que mal aprendera a caminhar ficou abandonado no que restou da aldeia. Acolhido por religiosas, Coroária morou em diversas reservas indígenas no Brasil, casou e teve dois filhos. Depois de viúvo e morando numa reserva de Xanxerê, em Santa Catarina, conheceu Artêmia, sua atual mulher. Em suas andanças pelo Brasil, descobriu que o povo é um só, apesar das diferenças de raça e cor. "Precisamos nos integrar", diz. Mesmo com as dificuldades, Coroária apostou no sucesso da família. Uma de suas filhas formou-se em Enfermagem e hoje trabalha na Funai, em Passo Fundo. Outro cursa Direito na Universidade de Passo Fundo (UPF), e os menores, de cinco e 10 anos, freqüentam a escola regularmente. "Só vejo uma coisa boa para o futuro das crianças e de qualquer índio: educação e trabalho."